

O TEXTO POÉTICO NO CULTIVO DA LEITURA LITERÁRIA

FRANCISCA OLIVEIRA*

Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), Santarém, PA, Brasil.

Recebido em: 1º jun. 2023. Aprovado em: 30. jun. 2023.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, F. O texto poético no cultivo da leitura. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 178-193, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p178-193

Resumo

O presente artigo apresenta algumas razões para o cultivo da leitura, especificamente a leitura literária, por meio do texto poético, abordando a perspectiva de formação humanizadora que a poesia possui, ressaltando o efeito que esta pode causar na formação de alunos-leitores. As observações partem de algumas leituras e falas de estudiosos da área à qual pertence o texto poético. Pontuaremos também como essa leitura pode ser diariamente desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, visando não apenas a um resultado pragmático, mas também a um processo contínuo de aprendizagem, reflexão e criticidade.

* E-mail: franciscacruz@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0006-6084-0601>

Palavras-chave

Leitura. Literatura. Poesia.

INTRODUÇÃO

A literatura pode “tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores, e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (Cosson, 2021, p. 17). As leituras literárias são capazes de nos permitir ser o outro, ultrapassar fronteiras, viajar sem limites ao encontro de um outro mundo e ainda assim continuarmos sendo nós mesmos. “Alguns até acreditam ser um saber desnecessário” (Cosson, 2021, p. 10) e a poesia talvez um amontoado de palavras, mas, certamente, é pela leitura literária que vivenciamos utopias, alimentamos nossas fantasias, realizamo-nos como heróis e nos reconhecemos nos sentimentos expressos por meio das palavras que os representam.

A leitura de textos literários nos ajuda a explorar a condição humana, desenvolver o pensamento crítico, expandir o vocabulário, compreender diferentes culturas e sociedades, estimular a imaginação, além de proporcionar entretenimento e prazer. A literatura tem o poder de nos ensinar, inspirar e transformar, o que a torna uma parte valiosa da experiência humana.

A leitura poética ou apreciação de poesias pode parecer desinteressante para muitos ou muito atraente para outros. Pensar nela como objeto de estudo dentro das aulas, mais especificamente, nas aulas de Língua Portuguesa, pode parecer simples ou algo não tão difícil de fazer, pois é fato que com o poema temos inúmeras possibilidades de atividades de ensino e aprendizagem. Leitura, escrita, pontuação, separação silábica e outros aspectos podem ser viáveis para trabalhar com textos pequenos e autônomos, como se apresenta a maioria dos poemas. Essa leitura poética, certamente, vai mais além do que propõe o ensino pragmático. Ela é capaz de atingir a fruição, instigar a imaginação, o prazer e, junto a tudo isso, um conhecimento do mundo no qual estamos inseridos.

A leitura de textos poéticos nos oferece uma experiência estética e emocional única. Estimula a reflexão, amplia o vocabulário e as habilidades linguísticas, conecta o indivíduo à cultura e à história, além de ser uma fonte de inspiração e criatividade.

LEITURA, TEXTO E LEITOR

A leitura é elemento fundamental de transformação humana e compreensão do mundo. Ela é um direito de cada cidadão. Acompanha-nos em nosso dia a dia e sua prática deve fazer parte da vida de todos aqueles que almejam vivenciar experiências de poder e conhecimento, em uma sociedade mais reflexiva, humana, crítica e responsiva. “A leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação e preenchimento” (Jouve, 2002, p. 107). Sua realização vai além da habilidade de decodificação ou de uma prática meramente técnica de decifrar códigos e sinais, perpassando pelo que Paulo Freire chama de “leitura de mundo”, da qual ninguém está isento. Comungando da ideia de Freire, Silva (2008, p. 33) afirma que:

Diferentemente da leitura mecânica, na qual nos iniciamos na escola, a leitura de mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. Desse aprendizado, ninguém é excluído, para a escola da vida não há limitação de verbas, nela não se tiram férias ou se promovem greves. A leitura de mundo nos ensina a ler muito mais que os sinais pretos sobre a folha branca, ela nos ensina o significado das nuvens no céu, a promessa de um sorriso, revela-nos a impaciência atrás de um gesto, um sim na boca de quem diz “não”. É a leitura tomada em seu sentido mais amplo.

Diante disso, entendemos que a leitura de mundo antecede a leitura mecânica e que, aliadas, resultam em uma terceira leitura, a que Silva (2008, p. 34) denomina “leitura crítica”. Nela assumimos uma postura avaliativa, questionando, inferindo, tirando conclusões. Evidentemente, este é um nível de leitura ao qual não se chega de imediato, pois é um processo de construção em que o leitor necessita de tempo e prática.

A leitura crítica é resultado do encontro entre o texto e o leitor. Um encontro de onde não se sai como se entrou, já que novos pensamentos e discursos podem surgir a partir dali. O encontro desses dois mundos pode proporcionar ao leitor momentos de prazer, de humor, de esperança, de consolo, de reabastecimento de energia e de conhecimento de coisas novas (Silva, 2008). Nesse sentido, João Wanderley Geraldi (2002, p. 3) afirma que “a leitura como uma oferta de contrapalavras do leitor que, acompanhando os traços deixados no texto pelo autor, faz esses traços renascerem pelas significações que o encontro das palavras produz”. Além disso, para Geraldi (2002, p. 6),

Um leitor que não oferece às palavras lidas as suas contrapalavras, recusa a experiência de leitura. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto. E essas palavras que carregamos multiplicam as possibilidades de compreensões do texto (e do mundo) porque são palavras que, sendo nossas, são de outros, e estão dispostas a receber, hospedar, modificar-se face às novas palavras que o texto nos traz.

É um pouco desconfortável mesmo tentar pensar que seria possível existir uma leitura única, isolada, solitária, em que a relação entre leitor e texto não causasse nenhum efeito, uma nova leitura, um novo discurso. Sobre isso, Britto (2007, p. 11) diz-nos que “toda e qualquer leitura de um texto é, necessariamente, histórica. Rigorosamente falando, não existem leituras privadas”. Para o pesquisador, um novo sentido é dado ao texto por meio da relação interlocutiva entre texto e leitor, e “ler um texto é um processo cognitivo e metacognitivo complexo permeado pelo pensamento, produção e aquisição de conhecimento” (Britto, 2007, p. 11).

Ainda falando sobre a leitura e seus diversos níveis e processos de realização, para o linguista Vicent Jouve (2002, p. 17), a leitura, como um ato complexo envolvido em alguns processos como o neurofisiológico, é um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (Jouve, 2002, p. 18). A leitura é charmosa e essa característica é resultado das emoções que ela mesma suscita, uma vez que “as emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (Jouve, 2002, p. 19).

O autor e o leitor, em muitos casos, estão separados no espaço e no tempo. Ambos, geralmente, não vivenciam o mesmo espaço, mas o texto literário, sendo plurissignificativo e que de algum modo age sobre o leitor, faz com que a leitura se concretize como uma experiência contínua, por meio de uma obra que interage com os aspectos sociais e culturais dominantes de um meio e de uma época.

É precisamente o caráter diferido da comunicação literária que, de certa forma, faz a riqueza dos textos. Recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época (Jouve, 2002, p. 24).

É na relação interna do texto que o leitor busca a reconstrução do contexto necessário para a compreensão da obra e, nesse ato, um possível encontro entre emissor e receptor. Percebemos que é nessa relação entre texto e leitor que a leitura de fato acontece, já que, necessariamente, toda obra, com suas especificidades, precisa, em sua consolidação como um todo, da participação de um terceiro elemento, sendo este o sujeito destinatário.

A leitura ressuscita em nós a cada reencontro, pois podemos ler um texto inúmeras vezes e essa leitura, realizada em momentos diferentes de nossas vidas, muito provavelmente despertará em nós impressões também distintas. Para Jouve (2002, p. 117),

[...] a leitura, que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim, ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história e, portanto, no que concerne aos desafios performativos do texto, nunca é uma atividade neutra.

Nesse sentido, podemos inferir que, em cada ato de leitura, podemos alcançar outro nível de leitura. Seria o caso do que Bértolo (2014) chama de leitura metaliterária, pois, enquanto lê, cada leitor projeta a leitura da narração textual e concreta sobre aquelas outras leituras literárias que acumula e que formam o que podemos chamar de sua biografia literária. Segundo Maia (2007, p. 11), “logo, quanto mais se lê, mais se aprende a ler, e neste movimento de ler mais e mais, mais e melhor, é que afloram as competências, os desejos, a fluência, a perspicácia do raciocínio, o enriquecimento da sensibilidade”.

Talvez, nesse processo, possamos ler, compreender e externar nossas falas nos fazendo compreender pelo outro e, por que não dizer, compreendermos a nós mesmos. A prática de uma leitura reflexiva precisa ser uma insistência diária, pois a falta dela pode atrofiar nossa mente, nossa imaginação, nossa capacidade de sentir, de se perceber e se identificar como ser pensante. “Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade. Ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (Cosson, 2021, p. 40).

A atividade leitora é um exercício, como muitos outros, com seus benefícios próprios, que fortalecem e empoderam nossa mente, refletindo em nossas ações diárias. Por ser uma prática tida como um dos pilares que vai além da formação educacional escolar, a leitura não deve ser tomada ou vista como objeto materialista, pragmático, mas sim como uma possibilidade de reflexão, possibilitando também a suscitação de sentimentos e emoções.

A LEITURA LITERÁRIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM CULTIVO NECESSÁRIO

A leitura “é um dos conteúdos escolares em que a articulação entre o sistemático e o assistemático mais se manifesta e merece atenção especial” (Britto, 2015, p. 37). Rildo Cosson (2021, p. 30), em sua obra *Letramento literário*, explica que:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura, ou porque seja poderosa, mas sim e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os elementos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito por linguagem.

O texto literário, sendo uma fonte de linguagem fértil, determina a agilidade, as associações e as reflexões sobre nós e o meio em que estamos inseridos. Portanto, a prática da leitura literária tende a nos levar a uma ampliação de vários fatores, dentre eles, a formação e a ampliação do nosso repertório literário.

A literatura é um meio de aprimoramento das pessoas, para quem adota esse ponto de vista, a literatura nos transforma em pessoas melhores, pois ao ler ficamos sabendo como é estar na pele de gente que leva uma vida muito diferente da nossa, passando por pessoas inusitadas. As obras literárias conduzem à identificação com personagens e cenas, fazendo que, ao final da leitura, sejamos pessoas mais experientes, mais sensatas, mais justas. Como em geral os leitores são levados a se identificar com personagens fracos, sofredores, perseguidos, a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana (Abreu, 2006, p. 81).

A literatura é veículo que pode nos levar em qualquer direção. Como escreve Marisa Lajolo (2018, p. 55), “a literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela fazem”. Entendemos, assim, que os universos criados por ela não se desfazem ao terminar o último capítulo do livro ou o último verso de um poema. Quando o livro é fechado, é somente para o leitor descansar o seu olhar ou mudá-lo na direção de uma nova leitura, de um desvelamento de um novo mundo.

A fala de Lajolo (2018), assim como a de Britto (2015), leva-nos a querer cada vez mais propiciar aos nossos alunos contato com a literatura para que eles possam, desde muito pequenos, serem conhecedores das várias possibilidades de vivências que podemos ter por meio da leitura literária, uma vez que a literatura, quando não cria, aponta para novas possíveis criações.

O texto literário é um convite e uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É o simples pôr-se em movimento, para sentir-se e existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa se faz somente para si, para ser, um tempo de indagação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança, disso tudo de uma só vez para sempre. Nela a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis (Britto, 2015, p. 53).

Bernardes e Mateus (2013), na obra *Literatura e ensino do português* – citando três títulos de ensaios publicados na França: “A morte da literatura”, “O fim da literatura”, “A literatura em perigo” – chamam a atenção para a presença cada vez menor da literatura na escola. Os estudiosos afirmam que a literatura se encontra em situação de grave perda.

A frágil presença da literatura pode ser confirmada facilmente verificando-se alguns livros didáticos de Língua Portuguesa. Os poucos gêneros textuais encontrados em algumas unidades dos livros nos mostram que, além de serem bem restritos, seus estudos também são feitos de maneira mais pragmática, rasa e superficial, além de, muitas vezes, serem apresentados por meio de fragmentos.

Os escritores ainda ressaltam que a literatura também encontra dificuldades para manter-se na instituição escolar de maneira constante, ou seja, desde o Ensino Fundamental e Médio, fazendo-se presente na vida dos estudantes e consolidando-se como estudo e prática necessários na vida do ser humano.

O apreço pela literatura começa e acaba nas salas de aula [...]. Isto significa, na prática, que, se a literatura não for cultivada na escola de forma sensata e eficaz, a sua implantação na sociedade tenderá a desvanecer-se: em primeiro lugar, como atividade viva e, logo depois, como base patrimonial e identitária. Este juízo encontra fundamento em dois motivos: é necessário, em primeiro lugar, não esquecer que a escola dignifica as práticas de leitura, conferindo-lhes importância social e cívica; em segundo lugar, importa reconhecer que os

tempos de escola (que são tempo de infância e de adolescência) correspondem à fixação de hábitos e de gostos, abrindo caminhos que perduram pela vida afora, em condições irrepetíveis (Bernardes; Mateus, 2013, p. 22).

A partir disso, enfatizamos a importância da literatura na construção do ser humano como um todo, como um ser social, crítico e reflexivo. Sabemos que a escola é o lugar fundamental de práticas literárias e, quanto antes acontecer o encontro dos estudantes com a literatura, mais eficaz e significativa pode ser a permanência dela na vida do ser humano.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos (Cosson, 2021, p. 120).

Dentro da escola, a literatura oferece uma forma de conhecimento que envolve diretamente as vertentes intelectual e emocional, onde estudantes e fruidores da literatura são receptores e beneficiários direto dela, dos conteúdos e conhecimentos literários que os constitui. Segundo Bernardes e Mateus (2013), a literatura detém um potencial inigualável de memória linguística e cultural. Sabemos que a partir do seu estudo, desde a primeira infância, possibilita o desenvolvimento das capacidades intelectuais e emocionais do ser humano.

Esta relação de verdadeira interdependência que a língua e a literatura entre si estabelecem não pode deixar de ser tida em conta quando essas duas realidades são pensadas como matérias de investigação, mas também, [...], em ser ensinadas e aprendidas à imagem do modo como se aglutinam enquanto práticas sociais e culturais das comunidades humanas (Bernardes; Mateus, 2013, p. 34).

Ao professor de Língua Portuguesa, constantemente é dada, ou ele mesmo toma para si, uma missão redobrada, valendo-se do ensino da língua no aspecto comunicacional e outros saberes da literatura para a formação social. Estudar e ensinar literatura nas aulas de Língua Portuguesa é indiscutivelmente necessário, pois, entre ambas, existe uma relação de cumplicidade quando pensadas como instrumentos de investigação, construção de saberes e formação social do cidadão, de modo que se complementam, completam-se. Para

Bernardes e Mateus (2013), uma das principais características do texto literário é que a leitura dele seja aquela que melhor garanta o contato com a língua em toda a sua variedade, riqueza e extensão.

O texto literário proporciona aos estudantes da língua, material de leitura com elevado potencial de significação e de representação do mundo, características decorrentes da sua inscrição num sistema de comunicação secundário que o faz ultrapassar o plano de transmissão unívoca de informação e lhe permite reproduzir situações comunicativas complexas, dotando-o, por isso mesmo, de um grau de “autenticidade” mais elevado no que toca à representação das trocas discursivas permitidas pela língua (Bernardes; Mateus, 2013, p. 43).

A literatura tem uma relação íntima com a Língua Portuguesa, uma conexão que, entendidas como objetos de aprendizagem separáveis um do outro, só causaria prejuízos aos estudantes e, certamente, ambas também seriam prejudicadas em relação às práticas de seus saberes. Sabendo que o acesso àquela não é possível, senão pela leitura, é basilar propor trabalhos com os textos poéticos na tentativa de concretizar o encontro entre a literatura e os infantes.

Segundo Geraldi (2015), em um contexto de aprendizagem, professores e alunos são aprendizes, existindo entre ambos uma relação de mediação. O autor revela também que, em um modelo de instituição escolar que centre seu ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia de pontos de chegada, o processo é mais importante do que o produto. Nesse caso, é ofertado um tratamento diferenciado à presença do texto dentro da sala de aula.

Vale ressaltar que, para uma melhor leitura e compreensão de um texto literário, no caso, um poema, antes o aluno precisa ser munido de saberes que lhe servirão de apoio na captura de sentidos da mensagem trazida pelo texto. Nessa direção, apontamos como um aspecto de suma importância o contexto histórico.

Na visão de Bernardes e Mateus (2013), a consideração dos contextos no estudo da literatura assenta-se no pressuposto de que a criação literária é uma atividade humana que não pode ser subtraída à dinâmica histórica que resulta da situação do seu criador em um tempo e espaço determinados.

Reafirmando a fala já produzida sobre a importância em situar o aluno no contexto histórico no qual a obra foi criada, Bernardes e Mateus (2013, p. 80) destacam:

A informação sobre o contexto histórico-social de uma obra literária deverá servir para ajudar o aluno a conceber a obra como fenômeno integrado no devir histórico-cultural de uma determinada comunidade de forma a combater a ideia pré-concebida da literatura como atividade desligada do real, inútil e produzida à margem das preocupações concretas vividas em cada época, quando ela é, na verdade, o mais completo testemunho dos tempos e das mentalidades neles inscritos.

Nessa mesma vertente, as falas dos autores se fundem com a de Lajolo (2018, p. 60), pois a estudiosa explica que:

A literatura nasce não só da realidade circundante, compartilhada por autor e leitores, mas também do diálogo com tudo, que vindo de tempos anteriores, constitui a chamada tradição literária. É como se a literatura fosse um constante passar a limpo de textos anteriores, constituindo um conjunto de tudo – passado e presente – um grande e único texto de literatura.

Portanto, sendo a leitura literária um campo que possui as próprias peculiaridades, temos aí, então, uma forma de aprender que exige levar em consideração o antes, o agora e diversas possibilidades da construção do amanhã. É por meio dos efeitos desse processo de construção diária do ser humano e da sociedade que permeiam os textos literários, que insistimos e acreditamos em seu cultivo constante, de forma que apareçam e se fortaleçam diariamente.

TEXTO POÉTICO: UM INSTRUMENTO DE CULTIVO DA LEITURA LITERÁRIA

Por que a leitura do texto poético? A pergunta parte de uma inquietação interna – o que causa uma certa estranheza, já que a escolha do tema tem o mesmo ponto de partida. O poema é um texto, uma composição em verso e, geralmente, quando bem elaborado, é condutor de poesia. Talvez porque seja um espaço em que podemos brincar com as palavras, com os mais variados sentidos que elas podem nos oferecer. Ao ler um texto poético, temos a possibilidade de despertar em nós mesmos os mais adormecidos sentimentos. Neusa Sorrenti (2007, p. 240), em sua obra *A poesia vai à escola*, ressalta:

Assim como o brinquedo é o instrumento capaz de levar a criança ao exercício da imaginação, o ludismo que se incorpora ao texto poético arca com a função de romper com os valores instituídos. Surge aí uma poesia que, longe de manipular conceitos, explora a palavra como a matéria-prima do poema – palavra carregada de sonoridade e impulsionada pelo ritmo.

A autora reflete sobre o ludismo que preenche o poema e a exploração da palavra que lhe dá também plurissignificação, uma das principais características do texto poético. Por isso, sempre cabe mais uma interpretação. Quase sempre há espaço para mais uma impressão ou atribuição de um sentido, mas é importante também não aceitarmos algo colocado de qualquer forma, ou uma leitura qualquer, ou seja, uma interpretação sem rumo.

É pertinente lembrar ainda que não basta apresentar às crianças bons e belos textos poéticos. É necessário que o professor seja conhecedor da obra e com entusiasmo faça uma mediação na qual demonstre sensibilidade ao poema, promovendo um encontro de luz entre texto e leitor, deixando que a poesia, com singeleza e maestria, atue sobre os sentimentos e as emoções dos infantes. “Fazer o jovem gostar de poesia (se ele ainda não a admira), ou melhor, promover a interação texto/poético/leitor adolescente requer carinho e competência” (Sorrenti, 2007, p. 30).

O poema deverá nos conduzir à sua essência, à poesia, na qual nos ancoramos vivenciando-a por ela, sem pretexto. O que é poesia? Por que poesia? – mais uma inquietação pessoal – “Talvez seja o caso de supor que a poesia só é o que é” (Moisés, 2019, p. 16), mas, ainda pulsando inquietude na busca de respostas mais consolativas, comecemos por dizer que poesia é, como já disse o escritor José Paulo Paes (1991, p. 11) em seu poema “Convite”, do livro *Poemas para brincar*,

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tento brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brincam
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

É notável a grande riqueza do tom poético que cada simples verso carrega e, sendo a poesia uma brincadeira em que as palavras são os brinquedos, seja ela antiga ou contemporânea, deve ser tratada como arte, saborosa e cativante, e não imposta ou moralizante. Algo que inspire liberdade, para que possamos estudá-la por ela mesma.

Como qualquer outro gênero, a poesia deve ser desinteressada, livre de preocupações sociais, políticas, religiosas ou comportamentais, embora isso seja humanamente impossível, pois sabemos que a criação sempre vem contaminada pelo ponto de vista do autor, por suas crenças e valores mais íntimos (Martha, 2012, p. 49).

Poesia é arte e, como tal, deve ser estudada, apreciada. Não fazer uso do texto poético como pretexto para ensinar qualquer outra coisa que não seja a poesia é contribuir diretamente para um sufocamento do efeito que o jogo das palavras pode nos causar.

A poesia, com um estatuto de universalidade e superioridade estética, é considerada a única expressão artística capaz de mobilizar os mecanismos das outras artes e de servir de veículo expressivo à imaginação humana (Bernardes; Mateus, 2013). “A poesia nos torna mais críticos e mais participantes. E o que é melhor: permite um olhar emocionado em direção ao outro” (Sorrenti, 2007, p. 10).

A poesia pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar os fatos. Ao encenar os jogos da linguagem, ela acorda o leitor para as estranhezas do cotidiano. O leitor passa, então, a ver a realidade com novos olhos, dando atenção a aspectos nunca antes percebidos (Sorrenti, 2007, p. 114).

Assim como a literatura, dependendo da experiência que o infante tiver com a poesia, a escola pode ser responsável pelo gosto ou pelo desgosto dela. Por isso, vale lembrar aqui que o caminho seja talvez não forçar uma curiosidade, e sim buscar despertá-la aos olhos de cada leitor. Britto (2015, p. 35) sustenta que:

A escola tem de ser percebida e realizada como um espaço privilegiado de reflexão e organização de conhecimentos e aprendizagens, de aprofundamentos e sistematizações do conhecimento; e tem de ser o lugar do pensamento desimpedido, descontextualizado, livre das determinações e demandas da vida comezinha; lugar, enfim, em que a pessoa se reconhecendo no mundo, e olhando para o que a cerca, imagine o que está para além daqui e do agora.

Há todo um cuidado, interesse e insistência em dar a crianças e adolescentes esse acesso à poesia por serem ainda crianças que estão no processo de entrada na adolescência, e entendemos que, quanto antes permitirmos o encontro entre ambos, mais chance teremos de contribuir para a permanência dessa arte na vida de muitos deles, colaborando para que talvez consigam acessá-la e reconhecer muitas outras, ou ao menos parte delas, como a música, a escultura e a pintura.

Com o tempo e com o crescimento da criança, as sonoridades crescerão em importância. Por isso, admite-se que a iniciação ao texto poético deve começar desde cedo, para que esse gosto, uma vez instalado, seja levado para a adolescência e, posteriormente, para a idade adulta. Mas carregando junto a magia da infância... (Sorrenti, 2007, p. 26).

Poesia é sentimento, sensação, impressão, emoção e fruição, e tudo isso é impossível ensinar, pois a poesia é algo não ensinável. Acreditamos que a poesia seja algo realmente impossível de ensinar, porém ela é sujeito atuante no campo dos ensinamentos. Moisés (2019), descartando definições ou conceitos, prezando apenas a busca de identificação de efeitos, diz que a poesia ensina a ver, mas ver o quê? A ver algo, uma coisa qualquer. Ver como se víssemos pela primeira vez a coisa vista e todas as vezes que o visto saltar aos olhos do leitor, aos nossos olhos, será novamente como se fosse a primeira vez que será visto. Sendo assim, talvez, o que a poesia ensina seria apenas o modo de ver as coisas.

Para que mesmo serve a poesia? Para o escritor Carlos Felipe Moisés (2019), “a poesia serve para manter o homem e o mundo em estado de

permanente renovação”, embora tal “renovação” se destine, por ora, a servir tão somente aos propósitos de propaganda e marketing.

Desse modo, podemos dizer: ao leitor cabe o último passo na construção do sentido poético do texto, ou seja, a conclusão da poesia, ou, ainda, ficaria a cargo do leitor a entrega da “consolidação” final do poeta. O leitor, somente o leitor, deve ser o responsável direto pelo achado poético. Para tanto, lembramos que mesmo o escritor, sendo o primeiro leitor do seu poema, dele certamente deverá partir, por meio de cada verso seu, a busca pela poesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes, pois ela permite o acesso a diferentes mundos, ideias e perspectivas. No entanto, muitas vezes, a leitura é vista como uma atividade obrigatória e maçante, o que afasta os alunos do prazer e da descoberta que ela pode proporcionar. Nesse contexto, a utilização do texto poético na escola pode ser uma estratégia eficaz para cultivar o hábito de leitura literária.

A poesia é uma forma de expressão artística que desperta a sensibilidade e a imaginação, estimulando a reflexão e a criatividade. Ao introduzir poemas no ambiente escolar, os educadores têm a oportunidade de envolver os alunos em um universo simbólico, em que as palavras são cuidadosamente escolhidas para transmitir emoções, sensações e ideias. Por meio da poesia, os estudantes são convidados a explorar as nuances da linguagem e a construir significados próprios.

Uma das vantagens de utilizar o texto poético na sala de aula é a sua concisão. Os poemas, geralmente, possuem uma estrutura mais enxuta e condensada, o que facilita a leitura e a compreensão, mesmo para os alunos que ainda estão em processo de aquisição da leitura. Além disso, a brevidade dos versos possibilita uma leitura mais dinâmica, evitando que os estudantes se sintam sobrecarregados com extensos trechos de texto.

A poesia também pode ser explorada de forma interdisciplinar, conectando-se a outras áreas do conhecimento. Ao trabalhar um poema sobre a natureza, por exemplo, é possível estabelecer conexões com a disciplina de Ciências, explorando os elementos da flora, fauna e ecossistemas presentes na obra. Da mesma forma, pode-se relacionar a poesia à História, estudando poetas de diferentes épocas e movimentos literários.

Outro aspecto relevante é a capacidade da poesia de despertar a sensibilidade e a empatia nos estudantes. Percebemos que, ao entrar em contato com as emoções e experiências expressas nos poemas, os alunos são incentivados a refletir sobre as próprias vivências e a compreender melhor o mundo ao seu redor. A poesia permite que os jovens se conectem com suas emoções, desenvolvendo a inteligência emocional e a capacidade de se expressar de maneira criativa.

Para cultivar a leitura literária por meio do texto poético, é importante que os educadores criem um ambiente acolhedor e estimulante. É fundamental também que os alunos tenham a oportunidade de escolher poemas que despertem seu interesse pessoal, permitindo que se identifiquem com as temáticas e estilos abordados. É indispensável que os educadores sejam mediadores ativos, promovendo discussões e reflexões sobre os poemas lidos, incentivando os alunos a expressar suas opiniões e interpretações.

Portanto, entendemos que a introdução do texto poético na escola é uma estratégia valiosa para cultivar o hábito de leitura literária entre os estudantes, pois a poesia pode despertar a sensibilidade, estimular a imaginação, promover o desenvolvimento linguístico, além de funcionar como uma fonte de inspiração para a própria criatividade.

The poetic text in the cultivation of literary reading

Abstract

The present article presents some reasons for the cultivation of reading, specifically literary reading, through poetic text, addressing the perspective of the humanizing formation that poetry possesses, emphasizing the effect it can have on the education of student-readers. The observations are based on readings and statements from scholars in the field to which the poetic text belongs. We will also highlight how this reading can be developed daily in Portuguese language classes, aiming not only for a pragmatic outcome but also for a continuous process of learning, reflection, and critical thinking.

Keywords

Reading. Literature. Poetry.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- BERNARDES, J. C.; MATEUS, R. A. *Literatura e ensino do português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.
- BÉRTOLO, C. Uma operação de ler. In: BÉRTOLO, C. *O banquete dos notáveis sobre leitura e crítica*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014. p. 47-64.
- BRITTO, L. P. L. Escola, ensino de língua, letramento e conhecimento. *Calidoscópico*, v. 5, n. 1, p. 24-30, jan./abr. 2007.
- BRITTO, L. P. L. *Ao revés do avesso: leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 11. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GERALDI, J. W. *Aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.
- GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- JOUVE, V. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- LAJOLO, M. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo. Editora Unesp, 2018.
- MAIA, J. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARTHA, A. A. P. Pequena prosa sobre versos. In: AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. (org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 45-71.
- MOISÉS, C. F. *Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- PAES, J. P. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1991.
- SILVA, V. M. T. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2008.
- SORRENTI, N. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.